

ENTREVISTA COM A ANTROPÓLOGA CAMILA DANIEL**FEMINISMO NEGRO E EPISTEMOLOGIA NEGRA: TECENDO CAMINHOS DE VIDA E DE PESQUISA***Carmen Macedo¹*

Quando começamos os trabalhos da equipe de 2021 da revista, pensamos em um número que privilegiasse a epistemologia negra e o feminismo negro. O nome da professora doutora Camila Daniel foi consenso entre a equipe, o seu trabalho e suas aproximações com o grupo marcaram um jeito de olhar para a Antropologia, do corpo negro no mundo, para o preparo dos estudantes ao encarar adversidades das violências de gênero e raciais no campo.

A antropóloga Camila Daniel é de uma gentileza e importância inestimáveis para as Ciências Sociais e para o encontro com estudantes de minorias. Nascida e criada em Anchieta, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, atualmente é Professora do Departamento de Ciências Administrativas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2006), mestrado em Ciências Sociais pelo PPCIS/UERJ e doutorado em Ciências Sociais pela PUC-RJ. Além disso, Camila tem um pós-doutoramento pela Morgan State University, EUA e foi pesquisadora visitante da Fulbright Commission na New York University (NYU).

Ela é pesquisadora colaboradora do grupo "Geographies of Injustice: gender and the city" (Columbia University). Ainda, o seu encontro com a dança e a Antropologia marca outras formas de experimentar o corpo negro feminino e a Antropologia.

É preciso pontuar ainda, o prazer de entrevistá-la no começo de 2022, mais precisamente em uma manhã de janeiro, logo após o seu retorno ao Brasil. Nos encontramos em uma reunião virtual, via Google Meet, após a explosão de casos de Covid-19 e influenza que veio após as festas de fim de ano de 2021. Desenrolamos por horas uma conversa sobre suas aspirações enquanto mulher negra, professora, estudante e pesquisadora das Ciências Sociais.

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Apesar de já tê-la encontrado em outros momentos, foi na entrevista que trocamos risadas e uma série de expectativas e causos de ser uma pessoa racializada fazendo ciência. Dos sonhos, planos e reviravoltas em sua trajetória com a Antropologia, a dança e as produções feministas negras. Agradeço à Tânia Buexm pela ajuda na construção do roteiro à e a Prof^a Dr^a Gisele Almeida pelas sugestões na construção do roteiro e pelo apoio na transcrição e edição da entrevista.



Fonte: Arquivo Pessoal de Camila Daniel

CARMEN MACEDO: Você ingressou no curso de Ciências Sociais na UENF em 2002, certo? Por que escolheu esta formação, o que te levou a buscá-la?

CAMILA DANIEL: Então, quando comecei a pensar em fazer o vestibular eu comecei a pensar... Eu comecei a pensar mais ou menos aos 15 anos, fiz a prova aos 16, e entrei na faculdade aos 17. Então, eu tive que começar a pensar tudo muito jovem. Eu já sabia há muito tempo que eu queria fazer algo de “humanas”, e pensando nisso quando eu fui fazer o ensino médio as minhas irmãs tinham feito ensino médio técnico, então eu também segui a tradição de fazer o ensino médio técnico. Elas fizeram contabilidade e eu escolhi fazer Turismo já pensando na possibilidade de “ah se eu gostar do ensino médio técnico em turismo, eu vou fazer faculdade em turismo”, e eu já estudava inglês e espanhol. Mas, aí no ensino médio eu vi que eu queria continuar trabalhando com pessoas, mas que não queria fazer Turismo. E aí eu pensei em várias coisas. Pensei em história, filosofia... mas em algum momento eu decidi

que queria Psicologia. Mas o meu ensino médio tinha sido muito precário. Eu estudei numa escola técnica pública em que eu não tive, por exemplo, matemática nos três anos. Então, as disciplinas que não eram diretamente ligadas a área de Turismo, eu só tive um ano dessas disciplinas... Eu só tive 1 ano de matemática, 1 ano de física, 1 ano de biologia, 1 ano de química. Outras disciplinas que eram reconhecidas como sendo importantes para a formação técnica em Turismo, eu tive ao longo dos três anos, como história, português, geografia. Por isso, minha formação era muito deficitária. Pensei: “assim não vai dar para eu fazer Psicologia, não vou conseguir passar em Psicologia. É uma carreira concorrida! Vou ver outras possibilidades mais acessíveis”. E aí pensei em filosofia, mas aí fiquei pensando “ah acho que filosofia vai ser teórico demais e ainda muito distante das pessoas de carne e osso. Eu quero algo mais próximo das pessoas de carne e osso.” Mas eu não tinha muita noção do quê e não tinha muito para quem perguntar. Eu não tinha referências no meu entorno, porque as pessoas no meu entorno que fizeram faculdades, elas fizeram carreiras na áreas mais tradicionais, digamos assim. Ou Administração ou Direito. E eu não conhecia ninguém que tivesse feito algo diferente, que pudesse me dar sugestões. E aí quando eu fiz a inscrição no vestibular da UERJ, recebi o caderninho que tinha lá uma descrição de todas as carreiras, e foi aí que vi as Ciências Sociais. Eu li a descrição e achei muito interessante, achei muito legal. “Olha, eu posso fazer três cursos em um. Que ótimo!”. E, além disso, eu descobri a UENF. Eu nunca tinha ouvido falar dela. E foi conversando com outros amigos de ensino médio, que também estavam prestando vestibular, outros dois também se inscreveram para o UENF. Eles não passaram e eu passei. Passei nas três últimas vagas. A UENF tinha 30 vagas e passei em 27o lugar. Então pensei “bem, eu acho melhor ir, acho melhor não deixar essa oportunidade passar”. E aí foi assim que eu fui parar na UENF. E quando fui pra UENF pensava “ah, em algum momento tento transferir para UERJ e para psicologia”.

Mas para mim, ter a chance de morar fora de casa foi muito incrível e eu sou de Anchieta, um bairro no subúrbio do Rio e uma das características da minha vida no subúrbio é que tudo tomava muito tempo, tudo eu precisava pegar o ônibus cheio e isso era muito cansativo. Então, quando eu fui para a UENF eu literalmente morava em frente à universidade, então foi uma experiência assim que para mim foi um sonho. Morar em frente à UENF, morar em frente à universidade. Eu passava o dia inteiro na universidade, tanto que meu sonho de viver a “universidade Americana”, nos Estados Unidos, isso é o comum. Só que o meu sonho de viver a universidade americana foi em Campos. Um pouquinho diferente, mas é isso... cada um faz o sonho que pode.

E aí logo no final do meu primeiro semestre na UENF, a UENF recebeu um grupo de estudantes americanos de duas universidades porque dois professores da UENF, um de Ciências sociais e outro da Biologia começaram um intercâmbio e trouxeram um grupo de alunos americanos para passar o verão na UENF. E aí participei do processo de receber esses alunos. No semestre seguinte, veio um aluno americano para estudar o semestre todo com a gente nas Ciências Sociais e nesse período esses dois professores abriram inscrição para alunos brasileiros irem para fora. Eu me inscrevi, esse professor que abriu o intercâmbio até falou “olha, a gente vai priorizar alunos que já estejam mais avançados no contato com a universidade mas se você quiser se inscrever você se inscreve”. Eu fiz a seleção e passei. E o meu terceiro semestre na UENF, na verdade não foi na UENF, foi nos Estados Unidos. E foi minha primeira experiência fora do Brasil aos 18 anos. Foi uma experiência maravilhosa. Eu não teria nunca dinheiro para pagar aquela experiência! Eu só fui porque eu tive bolsa. E aí, quando eu voltei dos Estados Unidos nem passou mais pela minha cabeça aquela ideia de trocar nada, né? Trocar a UENF, de trocar o curso, nem trocar coisa nenhuma. E foi ótima minha decisão. Assim, eu não me arrependo, eu fui muito bem formada na UENF.

A UENF me deu uma base muito sólida teoricamente e aí desde muito cedo, eu diria que desde o primeiro período, eu fui formada para ser uma pesquisadora autônoma, para me ver como produtora de conhecimento, entender que eu estou aprendendo ferramentas para fazer as minhas pesquisas. Eu nunca me senti tratada como um apêndice, ou um acessório dos meus professores orientadores. Ao contrário. Eu sempre tive muita autonomia e esta autonomia, que é algo que eu aprendi na UENF, me deu as ferramentas necessárias pra cultivar minha curiosidade, minha criatividade como pesquisadora. Eu faço críticas à UENF, mas ao mesmo tempo reconheço que tive ferramentas, tive uma formação que não é todo cientista social que tem. E isso fez muita diferença na minha carreira para chegar onde estou hoje, sem fazer parte de grandes redes e grandes grupos. A minha formação na UENF me deu uma base muito sólida, muito consistente.

CARMEN MACEDO: Pelos teus artigos e pela bibliografia que você trabalha, vemos claramente teu diálogo com uma epistemologia feminista negra. Como foi que você conheceu essas autoras? Na Universidade? Conta para a gente um pouco da história destas “influências” bibliográficas na tua forma de pensar e pesquisar.

CAMILA DANIEL: Então, esse meu processo de trabalhar com epistemologias feministas negras tem a ver com os meus próprios processos de me repensar como mulher negra não só dentro da academia, mas como mulher negra no mundo. Tem muito a ver com os meus processos individuais, e, principalmente, nos meus processos em terapia. Meus processos terapêuticos, de reavaliação de como eu construo a minha subjetividade, e quais os recursos que tenho na vida prática para me construir como sujeito. Eu estou aqui tentando pensar em data. Eu acho que a minha aproximação com o feminismo negro começou de uma maneira mais intencional a partir de 2014, 2015. Foi também o processo em que eu comecei a me dar conta de que a vida perfeita que eu tinha construído, não estava perfeita. Então, naquele momento eu estava casada, já tinha terminado o doutorado, já era professora universitária. Eu tinha tudo o que na minha cabeça, na minha cabeça e socialmente, é entendido como uma vida perfeita. Mas a minha vida perfeita estava esquisita, estava faltando vida na minha vida perfeita.

E comecei a parar para pensar: “Não, tem alguma coisa errada, eu deveria estar muito feliz na minha vida perfeita, mas eu não estou”. E aí, eu comecei a olhar de uma maneira mais intencional. Eu acho que eu já olhava, já tinha incômodos, mas antes de ter a vida perfeita eu imaginava que “o dia que eu tiver um emprego, o dia que eu casar, o dia que eu terminar o doutorado, todos os meus problemas estão resolvidos”. Mas o dia em que alcancei tudo que resolveria os meus problemas, eu continuava com problemas.

Eu comecei a olhar de uma maneira mais profunda a minha relação com meu corpo, com o meu cabelo, a minha relação com a minha família, a minha relação com meu casamento, minha relação com os meus colegas de trabalho. E em 2014, também foi o ano em que comecei a fazer terapia e comecei a parar de usar produtos químicos no cabelo. Então, foram processos de transformação em que o feminismo negro... eu comecei a olhar para o feminismo negro como uma forma mais do que uma ferramenta de análise da realidade externa. E comecei a olhar como uma possibilidade de olhar para mim e me curar. E para mim, o feminismo negro começou a ser um processo terapêutico mesmo, de me analisar, de observar as relações que eu tinha próximas e, olhar para mim, como eu me sinto na interação com as pessoas. Entender que a maneira como eu me sinto nas relações dessa maneira, está maneira está me informando o que é bom e o que é ruim para mim.

E aí eu comecei a entender que ao longo da minha vida, eu tinha aprendido em vários espaços, inclusive na universidade, a silenciar esses sinais corporais e sensoriais que eu tenho quando estou nas relações. A duvidar do que sinto, a invalidar o que eu sinto em nome de algo maior, no caso da universidade, em nome da objetividade. E aí eu entendi e comecei a me dar conta de que “não, eu não posso negar o que eu estou sentindo porque o que eu estou sentindo é parte do que eu sou. Se eu estou negando o que estou sentindo, então eu estou me negando, então não vai dar para me construir como pessoa, se eu estou me negando. Não vai dar para que outras pessoas me reconheçam como pessoa, se eu mesmo não me reconheço como pessoa”.

Comecei a ler de uma maneira mais sistemática autoras negras e a procurar. E aí eu comecei a entender que eu precisava estar em espaços em que tivessem mais mulheres como eu, mulheres negras que também estavam passando pelo processo de transição capilar. Nesses espaços eu iria aprender o que eu não tinha conseguido aprender em outros espaços na minha vida. Em 2016, fui fazer um pós-doc em Baltimore nos Estados Unidos. Baltimore é uma cidade majoritariamente negra. Fui para fazer um pós-doc com um professor senegalês que trabalha com afro-peruanos há muito tempo. Naquela época, eu ainda trabalhava majoritariamente com migração peruana e estava começando a fazer minha transição para analisar a relação entre raça e migração. E, esse professor, o Mbare Ngom, trabalha em uma universidade negra. Então, eu fui para uma cidade negra, trabalhar em uma universidade negra para trabalhar com a questão racial.

A chegada em Baltimore foi muito difícil por muitos motivos. A minha inserção na universidade negra também foi muito difícil, eu acho que, na verdade, nunca consegui me inserir lá. Ao mesmo tempo, eu estava em uma universidade em que os professores eram negros, os funcionários negros, todo mundo era negro e me fez muito bem. Embora a universidade negra também não tivesse me acolhido. Então, era uma relação de super contradição. Por outro lado, eu fui realizar meu sonho de antropóloga de viver no campo e tive uma experiência péssima. Então, esse foi o momento em que eu pensei assim: “eu cheguei no ápice da minha vida perfeita e está sendo péssimo, não está bom.” E foi aí que eu entendi que a transição que estava começando a acontecer em 2014, aos poucos, já não dava mais para ser aos poucos: “A partir de agora eu preciso fazer algo mais radical e me inserir de uma maneira mais radical e intencional em espaços negros, preciso incluir mulheres negras na minha existência, inclusive na maneira como eu me posiciono na minha própria pesquisa, no meu campo e na universidade”.

Então, 2016 foi esse ano que a virada que estava acontecendo aos poucos, tomou um impulso maior com essa experiência de racismo no trabalho de campo, viver em uma cidade negra americana que tem um histórico de segregação e que existiram as leis Jim Crow. Essas leis de segregação, dos anos 1960, ainda são muito palpáveis na vida cotidiana de Baltimore, que é uma cidade em que você vai a lugares, ou o lugar vai ser preto ou branco, não existe meio termo. E que isso tem um impacto na maneira como me posiciono no mundo. Uma coisa que 2016 me ensinou é que a minha vida vale mais do que qualquer coisa. A minha vida vale mais do que um trabalho. A minha vida vale mais do que a academia. A minha vida vale mais do que um casamento. Porque se eu não tiver minha vida, eu não vou ter nenhuma das outras coisas. E é algo muito básico dentro da existência humana: entender que a sua vida é importante “no matter what”. Não importa o que, tua vida é importante.

Uma coisa que eu aprendi com o feminismo negro é que a lição básica de humanidade é negada sistematicamente para as mulheres negras e isso me foi negado. Então, eu, ao longo da

minha existência, aprendi que a vida, os interesses, outras coisas são mais importantes que a minha existência, e para mim o **feminismo negro é uma lembrança diária de que a minha vida tem valor, e que eu não preciso estar provando nada pro mundo**. Independente do que eu faça, a minha vida como ser humano tem valor. Isso é algo muito básico e que é sistematicamente negado para mulheres negras de diferentes formas. Eu acho que esse processo de entender a importância do feminismo negro tem uma influência muito grande na construção dos coletivos de alunos negros.

O fato de que, com a expansão das políticas de cotas, cada vez mais coletivos de estudantes negros têm sido formados, isso tem um impacto muito grande na minha vida, porque eu estive universidade no contexto em que existiam grupos de estudos negros e inclusive eu fiz parte da fundação de um na UENF, infelizmente durou pouco tempo. Mas eu acho que os coletivos, eles dão uma virada de chave, primeiro porque são vários e segundo porque eu acho que os coletivos, de alguma forma, conseguem fazer uma conexão entre a teoria e a experiência individual de uma maneira que socializa esse conhecimento negro para além da ciência. Não é só uma questão de resgatar autores negros para a gente entender uma realidade externa, mas trazer esses autores para a nossa vida diária, cotidiana, inclusive para a própria universidade, mas também na nossa interação com o mundo.

Embora eu não faça parte de um (coletivo), oficialmente, eu reconheço que o trabalho dos alunos negros na universidade tem um impacto muito grande na minha vida como mulher negra e no meu exercício como professora negra. Foi através deles que tive a chance, por exemplo, de conhecer muitas leituras que eu tenho hoje, leituras que eu encontrei através das recomendações de diferentes coletivos negros. Ter a chance de aprender com os alunos. Não tem como voltar atrás. Por mais que a gente esteja numa onda conservadora, essa onda conservadora está aí, porque ela tem medo da gente. E não tem como fazer a gente voltar. É tarde demais.

CARMEN MACEDO: Tem alguma autora que você consegue listar como importante no teu processo?

CAMILA DANIEL: Para mim, a literatura tem um papel muito grande. O meu primeiro contato com a literatura negra. Eu lembro que o primeiro texto, o primeiro livro que eu li da Conceição Evaristo foi Ponciá Vicêncio. Eu o li enquanto ainda estava nos Estados Unidos, em 2016, quando estava no auge da crise. E eu entendi ser necessário ler autoras negras e brasileiras para me situar no mundo. E ler Ponciá Vivencio, naquela época, e a personagem principal em algum momento, para de falar... Ela entra num ostracismo tão grande por todas as dores que ela viveu, que ela para de falar. E esse livro me fez entender a dimensão de como o racismo impacta a minha subjetividade e em alguns momentos, eu me vi, e vi a minha mãe e de uma maneira muito profunda que nenhuma outra teoria, eu nunca tinha chegado nesse nível com a teoria, que a literatura conseguiu me fazer virar essa chave: “olha, eu aqui e quantas vezes eu engoli coisas que eu queria ter dito. Algum dia eu posso engolir tanto e nunca mais conseguir falar de novo. Ah, não, eu não quero isso para mim”. Então, a Conceição Evaristo foi importante.

Tem uma autora afro- americana que, no auge da minha crise em Baltimore, fiz uma oficina com ela e depois li os livros dela. O nome dela é Marita Golden. Para mim foi muito, muito importante tanto a oficina dela de escrita criativa, quanto os livros dela. Ao longo do meu caminho, de lá até aqui, as autoras que eu tenho mais dialogado são a bell hooks, Patrícia Hill Collins e a Lélia González. Hoje, estas são as autoras que têm estruturado a minha existência

como mulher negra e como acadêmica. Tem uma outra autora que eu sempre que a encontro eu falo disso. É uma professora negra, formada pelo IFCS, professora na Geórgia [Estados Unidos] é a Luciane Rocha. Eu gosto muito da maneira como ela trabalha a antropologia das emoções com as mulheres negras.

CARMEN MACEDO: Estas reflexões fundamentadas em torno do gênero e da raça têm se mostrado central pelas epistemologias contra-hegemônicas e, somos levados a pensar que na tua avaliação, seria importante que os/as estudantes de graduação tivessem acesso a estas discussões. Você acha que isto está acontecendo? Como você, enquanto aluna e professora, percebe a formação do cientista social, atualmente, no que se refere em particular às discussões sobre raça e gênero?

CAMILA DANIEL: Enquanto uma professora que dá aula para outros cursos de graduação, o debate sobre raça e gênero tem um lugar ainda muito periférico. E quando acontece tem muito a ver com um esforço individual. Pelo menos na realidade em que estou, ainda não vejo uma mudança estrutural. Por exemplo, tenho feito um esforço de que os cursos que dou, mesmo que sejam introdutórios, dialoguem com o sistema de opressão de raça e gênero. Sei que tem uns colegas da economia que fazem esse debate na dimensão da desigualdade sobre desigualdade de raça e gênero, mas ainda são pontuais, em que eu não consigo ver uma mudança de estrutura. É um caminho bastante solitário. Mas as mudanças que tem acontecido, a partir da organização dos alunos em coletivos... Lá em Três Rios [município onde Camila é atua como docente], alguns alunos do campus juntamente com pessoas de movimentos sociais formaram um coletivo negro e chegaram a fazer alguns trabalhos. Mas o coletivo não continua ativo. Tempos atrás, tivemos um grupo de alunas que formaram um coletivo feminista. Então, assim, as mudanças que eu vejo, acontecem primeiro e majoritariamente a partir da mobilização dos alunos. Na minha na minha trajetória como aluna, o que eu posso dizer? É difícil fazer essa análise retrospectivamente. Quanto mais eu vou me conhecendo hoje, vou me dando conta das limitações que eu tive no passado.

Agora, recém regressa dos Estados Unidos, depois de eu dar aula na Columbia University, uma universidade de muito renome. Para mim foi uma experiência linda, mas, ao mesmo tempo, antes de chegar até Columbia, eu cheguei a pensar em desistir por vários motivos. Fiquei morrendo de medo. Me dar conta da minha trajetória, e minha trajetória é tão incomum, que eu sou um milagre. Eu tinha tudo para dar errado. Às vezes eu penso que eu tinha tudo para dar errado. Por vários motivos, eu tinha tudo, tudo para “dar errado”, eu tinha tudo para não ir a lugar nenhum. E aí, ao me dar conta de que eu consegui chegar até aqui, eu não sei, eu não estou nem conseguindo nomear, porque ainda está recente, eu estou processando. Estar em Nova York, e em Columbia, me colocou no lugar em que eu conheci pessoas muito importantes, que eu nunca conheceria se eu só estivesse no Brasil. E eu pessoalmente, sou a mesma pessoa no Brasil e em Nova York, eu não sou diferente, então, a mesma forma que eu tratei meus alunos em Nova York, eu trato meus alunos aqui. A mesma forma com a qual eu tratei meus colegas em Nova York, eu trato meus colegas aqui, eu não sou diferente, mas ter um “aval” de Colúmbia no meu currículo, me colocou em espaços de poder e me permitiu conhecer pessoas que provavelmente, só me conheceram porque ali tinha a etiqueta de peso da Columbia. Eu sei que muitas dessas pessoas, se elas me conhecessem aqui, elas iriam me ignorar, elas iam passar por mim e iam me inviabilizar, porque é o que acontece comigo em grande parte da minha vida aqui. No Brasil eu não faço parte de nenhuma grande instituição. Não estou numa instituição de renome. No Brasil, eu não tenho esta proteção que eu tinha em Nova York. Eu tinha o rótulo “Nova York” e eu tinha o rótulo

“Colúmbia” e que eu preciso de um tempo para processar, porque eu ainda não consigo nomear.

Então, como aluna, eu acho que eu tinha muita consciência de que eu tinha que aproveitar todas as oportunidades que eu tinha, porque elas podiam não voltar. Eu sempre fui atrás de tudo e sempre adorei, uma coisa que a UENF ensinou, que é o fato de que com as ferramentas da pesquisa, eu vou conhecer o mundo. Ter esta sensação de que eu posso desbravar o mundo, isso sempre me fascinou. Eu sempre trabalhei muito, mas sempre trabalhei em coisas que eu quis fazer. As minhas pesquisas, todas, eu inventei. Eu tive, eu tenho esta curiosidade... Ao mesmo tempo que eu tinha essa vontade, essa curiosidade, essa sede, eu tinha esse senso de realidade, de saber que eu tinha que aproveitar tudo possível, porque eu não queria voltar para Anchieta. Eu tinha muita vontade de desbravar o mundo, sempre quis viajar. Eu sabia que tinha que ser muito dedicada. E ao mesmo tempo eu gostava.

O que eu posso dizer da minha formação como aluna e como professora é que, de um lado, a minha formação como aluna, me deu essa formação consistente de como fazer minha pesquisa. Só que isso de como fazer minha pesquisa aconteceu em um contexto em que raça e gênero não apareciam, então aprendi ferramentas muito importantes, mas esqueceram de me contar que a maneira como o mundo me trata usando essas mesmas ferramentas, não é da mesma maneira que trata meus colegas brancos. E não é a mesma coisa. E, pode parecer muito simples, mas isso faz muita diferença. Talvez se tivessem me alertado no início, talvez eu ficasse um pouco mais sensível... Eu não sei, é difícil fazer análise retrospectiva porque as coisas foram como foram... Foi o que foi, que teve a sua importância.

O fato de que grande parte da minha vida eu ignorei quem eu era no meu trabalho acadêmico, que eu era uma mulher negra teve uma função de “nunca parei. eu sei o que eu quero, eu não vou parar” e cheguei até aqui, mas isso também tem uma conta a ser paga e eu estou pagando essa conta. Hoje, como professora, eu vejo que muitos de meus e minhas estudantes já tem uma auto percepção de quem são no mundo que eu não tinha enquanto eu estava na universidade. Então, eu acho isso muito positivo e eu admiro muito. Eu aprendo muito com os meus e minhas estudantes, essa noção de si, que as novas gerações têm hoje. Ao mesmo tempo, como professora, como eu posso apoiar esses estudantes nesse processo de autoconhecimento e que isso implica a se conectar com dores muito profundas, mas como auxiliá-los para que isso não os paralise. Como eles podem se respeitar como sujeitos e ao mesmo tempo continuar trabalhando, continuar na universidade, serem bem formados na universidade e alcançarem empregos dignos, em que eles tenham tempo para se cuidar e tempo para fazer o que gosta, que não seja um trabalho que você tenha 5 minutos para ir ao banheiro e depois de 5 anos, você está com tendinite no corpo inteiro. Este é um desafio, porque eu sei que várias condições que eu tive, hoje já não existem como, por exemplo, o Reuni. Eu me tornei professora porque existiam concursos abertos.

CARMEN MACEDO: O seu texto é muito forte ao relatar as violências sofridas por você no campo em contextos de pesquisa. Você acha que tua formação enquanto pesquisadora poderia ter evitado estas violências? E como você acha que podemos preparar pesquisadores para trabalhar com essas questões no campo?

CAMILA DANIEL: Eu sou muito apaixonada pelas Ciências Sociais. Ao mesmo tempo, ser apaixonada não significa acreditar que elas são perfeitas. Mas entender inclusive que elas te dão ferramentas para entender como a realidade é feita de contradições, inclusive dentro da própria Ciências Sociais. Eu estou lembrando uma vez: eu trabalhei embarcada por algum

tempo quando estava na graduação e minha monografia foi uma etnografia da primeira plataforma onde trabalhei. O universo embarcado é essencialmente masculino e eu sou essa mulher com esse corpo. Eu sabia que enquanto eu estivesse acordada, tinha algum homem olhando para mim, o tempo todo. Eu sabia e eu sentia, eu conseguia sentir os olhares pesados. Às vezes os homens falavam coisas, e isso me deixava muito desconfortável e muito incomodada. Uma vez eu estava conversando com um antropólogo, que iria orientar meu trabalho. Ele me deu total apoio para fazer etnografia. Mas em um dia na reunião falei que sentia tanta raiva dos homens que ficavam me encarando, falando coisas para mim e me comendo com os olhos o dia inteiro. E ele [disse]: “quando você estiver com raiva, você senta e escreve no diário de campo”. Fiz isso algumas vezes e fiquei pensando que era interessante, mas só isso não era o suficiente.

Eu entendo que ele me deu aquela sugestão como antropólogo, alguém que está vendo o trabalho e o trabalho antropológico é isso: escrever e depois analisar o que está ali no papel. Mas naquele momento tinha coisa que ia além do lugar do antropólogo. Eu era uma mulher negra num espaço masculino, uma mulher negra com 18, 19 anos e não sabia o que fazer com aquilo. Então, talvez se eu tivesse tido uma outra dica naquele momento ficaria mais ligada sobre o que fazer quando o meu incômodo, não era só sobre o incômodo habitar de dois universos simbólico, não era só um choque cultural que é algo tão fundamental na Antropologia. Mas naquele caso não era só sobre o encontro de dois universos culturais diferentes. Até porque o meu nível do quanto conseguia me comunicar com um homem que era gerente de plataforma que estava me comendo com os olhos, qual a possibilidade de me comunicar com essa pessoa? Qual a possibilidade de falar com ela e ela me ouvir? Uma coisa que é essencial em qualquer comunicação é que só existe comunicação quando uma pessoa fala, a outra escuta e vice-versa. E isso é tão básico da interação humana, que nós mulheres negras somos roubadas da comunicação sistematicamente.

Sistematicamente eu sou silenciada, que ser assediada na plataforma era apenas mais uma de todas as violências que eu vivo. Ao mesmo tempo, eu também fico pensando, quais condições aquele professor - um homem branco - teria para me ajudar a vislumbrar essas coisas, num país como o Brasil, em que os brancos não assumem seus privilégios. Eu não sei. Eu realmente não sei se ele teria obrigação de avisar. O que eu sei é que faz diferença ser uma antropóloga negra. O que eu sei é que eu não vou esconder isso dos meus alunos porque eu vivi e eu não gostaria que minhas alunas vivessem algo parecido. Pois quando a gente está falando de formação de antropólogos, não podemos nos limitar a pensar nas relações e condições individuais, isso remete a questão dos currículos. Uma coisa é aquele professor branco, enquanto indivíduo não ter me alertado sobre os desafios que eu teria. Isso é um problema. Mas o problema ainda maior, por exemplo, foi eu nunca ter lido antropólogas negras na minha formação enquanto cientista social, sendo que sempre existiram antropólogos negros na história da antropologia.

Por muito tempo, em muitas áreas, se diz que não estudam autores negros porque não tem. Pelo menos, na antropologia a Zora Neale Hurston trabalhou com Franz Boas na Columbia University. E mesmo lá, na Columbia, ela tem um lugar absolutamente periférico. Em termos de formação curricular, todos nós somos responsáveis, eu sou responsável e os antropólogos brancos também. No caso de mulheres negras, mas também no caso de produções indígenas, nas produções de estrangeiros não-brancos, o quanto essa produção consegue penetrar os currículos hegemônicos de Ciências Sociais. Em termos institucionais, a responsabilidade é de todos e todas. Não é só minha enquanto antropóloga negra.